

INFORMAÇÃO E DESIGN: Anyforms. TEXTOS: Paulo Rollão. COORDENAÇÃO EDITORIAL: Gonçalo Pereira Rosa  
COORDENAÇÃO IDENTIFICAÇÃO: Luís Albuquerque (Museu Militar de Lisboa). COORDENAÇÃO TÉCNICA: Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra. FONTES: Levantamento histórico das Invasões Francesas na Região de Coimbra (CIM-C, 2019); "Guia Histórico do Visanteiro no Bussaco" (1898); "Bussaco 1810 Wellington Defeats Napoleon's Marshalls" (2001); "Mes Memórias de Massena" (1848). Mais informação: [www.visitregiãocoimbra.pt](http://www.visitregiãocoimbra.pt)

# Região de Coimbra AS INVASÕES FRANCESAS

Entre 1807 e 1811, Portugal foi invadido em três vagas pelos exércitos de Napoleão Bonaparte. Entrando pela Beira Baixa, pelo Norte e pela Beira Alta, as tropas francesas encontraram resistências graças ao apoio que as forças portuguesas receberam do exército britânico. Em 1810, na região do Bussaco, ocorreu um dos momentos decisivos do processo.



**Legenda**

- Museu ou monumento
- Miradouro
- Estradas nacionais
- Auto-estradas
- Estradas antigas
- Exército napoleónico
- Percurso de invasão
- Percurso de retirada



**O desembarque na Figueira da Foz**

No dia 27 de Junho de 1808, patriotas portugueses tomaram o Forte de Santa Catarina aos franceses, criando condições para o desembarque inglês. No dia 1 de Agosto de 1808, uma força do exército inglês, liderada por Arthur Wellesley, desembarcou na praia de Lavos, um areal a sul da Figueira da Foz, na margem esquerda do estuário do Mondego. Quatro dias depois, o desembarque ficou concluído, numa operação morosa e de logística difícil, atendendo ao estado do mar. Perderam-se homens, animais e carga, mas o contingente inglês chegou a solo firme, contribuindo de forma decisiva para o combate contra os homens de Napoleão.

**Um exército destronado**

O exército português estava mal armado e carecia de modernização. A Primeira Invasão Francesa foi devastadora e forçou, a partir de 1809, uma remodelação sob coordenação de Wellesley, que instruiu os soldados portugueses em termos táticos e de disciplina. Em 1810, as forças portuguesas incluíam 24 regimentos de infantaria de linha, 12 batalhões de caçadores, 12 regimentos de cavalaria e 4 regimentos de artilharia, quase todos comandados por oficiais ingleses.

## Reis em fuga, país vencido

As notícias da marcha francesa rumo a Lisboa chegaram à capital e a família real embarcou para o Brasil, deixando o país à mercê de Napoleão. A viagem transatlântica comportou oito nauas, três fragatas, três brigues e duas escumas. Além dos cerca de 15 mil tripulantes, ainda foi transportada uma biblioteca com mais de sessenta mil obras. A data das invasões, Dona Maria I era rainha de Portugal, mas o filho, Dom João, assumira a regência em 1792 por incapacidade mental da mãe.



Com a chegada da família real ao Brasil, a corte instalou-se no Rio de Janeiro, entretanto designada capital do reino. Após a morte de Dona Maria I em 1815, o príncipe regente tomou o nome de Dom João VI.

Napoleão Bonaparte, natural da Córsega, foi uma das figuras da Revolução Francesa. Hábil, ascendeu ao trono proclamando-se imperador. Depois dos desastres em Portugal e na Rússia, perdeu em toda a linha. Restou-lhe o exílio em Elba. Ainda retomou o poder, mas, meses depois, foi derrotado em Waterloo e seguiu-se novo exílio, em Santa Helena. Morreu ali.

**Mira** não foi muito atingida pelas Invasões Francesas. Em Junho de 1808, ocorreu ali o capitão das ordenanças de Aveiro com ordens expressas do bispo do Porto, convocando, ao som dos sinos da igreja, todas as ordenanças, elementos da nobreza, do clero e do povo para se juntarem na praça pública e combaterem o invasor.

**Mealhada** foi um dos palcos da batalha do Bussaco. Além do conflito bélico, existem outros pormenores que rodearam o evento. Sabe-se que, depois de vir do Mosteiro de Lorvão, Wellington permitiu, na noite anterior à batalha, no Convento de Santa Cruz, no sopé da serra. Apesar de lhe ser destinado o melhor quarto, o comandante recusou-o por só ter uma porta. Preferiu outro, mais modesto, mas com duas saídas. Ainda sobrevive a Capela de Nossa Senhora da Vitória que serviu de hospital de campanha e que expõe a figura de Santo António, primeiro roubada e depois recuperada pelos luso-ingleses. Todo o complexo está ligado à batalha.

A Casa do Capitão-Mor Dom João Henriques de Castro foi o lugar de hospedagem do general Arthur Wellesley e respectivo estabulador entre 2 e 9 de Maio de 1809, quando rumava para Norte para combater as tropas comandadas pelo marechal Soult. Este espaço emblemático em **Cantanhede** é agora a Casa Municipal da Cultura e Museu da Pedra, com exposições de pintura, escultura, arte sacra, arquitectura e fotografia.

Rodeada por vastos campos de cultivo de arroz, **Montemor-o-Velho** sofreu com os invasores, sobretudo na Primeira Invasão. Quando o general Junot atravessou as portas da localidade, espalhou a destruição pelas lojas e estabelecimentos de origem inglesa. Junot menosprezou a capacidade de revolta da população. Pouco depois, as milícias locais empreenderam diversas represálias.

Durante a Terceira Invasão, o Convento de São Francisco em **Coimbra** foi ocupado pelos franceses, servindo de quartel e hospital. Foram encontradas ossadas e vestígios da ocupação, como botões, fivelas e medalhas. Foi também por aqui que Wellesley passou rumo às linhas de Torres Vedras, instalando o quartel-general no Mosteiro de Santa Cruz.

Condeixa sofreu os efeitos da Terceira Invasão Francesa devido à sua situação geográfica, enquanto lugar de passagem entre Coimbra e Lisboa. Na sua retirada, os franceses saquearam e queimaram diversos palácios e a Igreja Matriz. Dez anos depois, o templo consagrado a Santa Cristina foi reconstruído, preservando pormenores manuelinos originais.

Na freguesia de Tapéus, de **Soure** ocorreu um dos muitos episódios de repressão da população. Segundo uma descrição paroquial, os invasores encarceraram um aldeão e cortaram-lhe os nervos do joelho, rasgaram-lhe as veias e mataram-no por fim a golpes de baioneta.

**A modernidade bélica**

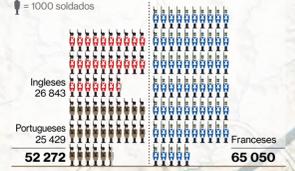
O exército britânico, tal como o francês, era dos mais bem organizados da época e dispunha de generais experientes, que foram bem aceites pelos portugueses. Envolvidos no Bussaco em 1810, estiveram sete divisões de infantaria, três brigadas independentes, quatro esquadras de cavalaria e 60 "bocas-de-fogo" de artilharia.

Embora os confrontos não tenham afectado excessivamente **Penela**, uma importante linha defensiva do Mondego, na freguesia de Espinhal, existe a confirmação de que se registaram algumas vítimas civis durante um episódio de saque e violação.



**Desproporção de forças**

Na batalha do Bussaco, Wellington contou com efectivos britânicos, alemães e portugueses. Do lado francês, o exército contava com soldados de diversas nacionalidades. Massena tinha superioridade numérica, mas essa vantagem esbateu-se no campo de batalha.



**Rota de entrada**

Depois das dificuldades impostas pelo Tejo na Primeira Invasão, os franceses entraram por Almeida em 1810.



**As forças em confronto**

Portugal sofreu três Invasões Francesas. **Na primeira**, liderada por Junot, o exército francês entrou pela fronteira de Segura, em 17 de Novembro de 1807, mas foi derrotado nas batalhas de Roliça e do Vimieiro. **Na segunda**, em Março de 1809, a invasão comandada por Soult franqueou a fronteira pelo Norte do país, conquistou Chaves e tomou a cidade do Porto, mas Wellesley forçou a retirada dos franceses. **A terceira** ocorreu em Julho de 1810, quando André Massena entrou em Portugal por Almeida. A derrota na batalha do Bussaco e a incapacidade de ultrapassar as Linhas de Torres forçaram a retirada do território nacional.

**Saída em 1811**

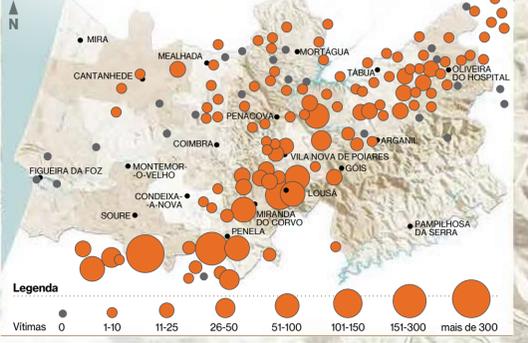
Perseguidos pelo exército luso-ingles, os franceses bateram em retirada, não sofrendo perdas relevantes.

Quase no final da Terceira Invasão, os franceses procuraram atravessar a ponte sobre o rio Alva e destruir a localidade de Avó, perto de **Oliveira do Hospital**. As milícias e os soldados responderam, pondo em fuga o contingente adversário. Mesmo assim, o Castelo de Avó sofreu danos consideráveis. Foi um dos episódios de resistência mais notáveis do conflito.

Arganil assistiu, impotente, à successão de exércitos a marcharem pelas suas ruas. Em Março de 1811, dias depois de a divisão de Wilson abandonar o local e escolher um ponto mais elevado da serra para montar quartel, os franceses entraram na vila. Cercaram as casas, tomaram o gado de que necessitavam e lançaram fogo a várias residências, incluindo uma casa senhorial e um armazém de azeite. Durante uma semana, saquearam a vila e perpetraram dezenas de atrocidades, incluindo o enforcamento de um clérigo octogenário.

**Violência não militar**

A Terceira Invasão Francesa não se limitou ao conflito militar. Registraram-se centenas de violações e assassinios, como deu conta um levantamento da investigadora Maria Antónia Lopes.



Posicionados em Arganil, os soldados franceses subiram os 839 metros da serra da Avelreira, perto de **Pampilhosa da Serra**, cercaram as casas junto da ribeira de Celavisa, pilhando o que encontraram. Procuraram provisões, riquezas e membros das milícias que, já então, causavam fortes danos no moral gaulês.

A ponte de Foz de Arouce, perto de **Lousã**, é uma das mais importantes da região e foi palco de um episódio dramático da Terceira Invasão Francesa. As tropas napoleónicas já retiravam, mas a divisão ligeira e a divisão do major-general Pictot, juntamente com duas brigadas de cavalaria, foram no seu encalço. Depois de passarem por Miranda do Corvo, as tropas anglo-portuguesas alcançaram a retaguarda do exército napoleónico nas imediações da povoação de Foz de Arouce. A troca de tiros foi intensa, com saldo desfavorável para os franceses, que sofreram baixas consideráveis. Muitos atogaram-se no rio.

**O objectivo de fundo**

O grande objectivo de Napoleão era impor um bloqueio aos ingleses, cortando-lhes o acesso mercantil à Europa e "lançando ao mar o leopardo britânico", como o plano de conquistar o Reino Unido. Com tal intuito, procurou controlar a Península Ibérica, mas os ingleses sofreram em Espanha e em Portugal cercaram as suas pretensões. Na batalha do Bussaco, os franceses ignoraram a vantagem que o terreno conferia aos luso-ingleses e acabaram derrotados. Reagruparam-se rumo a Lisboa, mas foram travados nas Linhas de Torres e retiraram.

1807	1808	1809	1810	1811
Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.
	19 O exército franco-espanhol sob o comando do general Jean Junot, atravessa a fronteira portuguesa.	7 Dom João VI e a corte chegam ao Rio de Janeiro.	10 Dom João declara guerra à França.	15 Embarque de Junot e do exército francês.
	21 A corte portuguesa parte para o Brasil.	11 Início do desembarque do exército britânico em Lavos (Figueira da Foz), que se prolonga até ao dia 5, sob o comando de Arthur Wellesley.	23 Trava-se a batalha pela defesa do Porto e a cidade cai em mãos francesas.	26 Trava-se a batalha de Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.
	30 A vanguarda do exército francês, acompanhada por Junot, entra em Lisboa.	12 Junção dos exércitos português e britânico, na região de Pombal.	18 Perseguidos pelas forças portuguesas, os homens de Soult regressam à segurança de Espanha.	27 Almeida rende-se ao exército de Massena, após a explosão do paiol de munições.
		13 Declaração de guerra contra França e publicação de um manifesto do príncipe regente, contestando a validade dos tratados assinados com França.	19 O exército francês retira-se em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	21 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.
		14 Declaração de que se registaram algumas vítimas civis durante um episódio de saque e violação.	20 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	22 Trava-se a batalha de Foz de Arouce, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.
		16 O exército francês chega a Lisboa.	21 O exército francês chega a Lisboa.	23 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.
		17 Combate da Roliça.	24 Batalha do Vimieiro.	25 O exército francês chega a Lisboa.
		18 Batalha do Bussaco.	26 Trava-se a batalha de Foz de Arouce, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	27 Almeida rende-se ao exército de Massena, após a explosão do paiol de munições.
		19 O exército francês retira-se em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	20 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	21 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.
		22 Trava-se a batalha de Foz de Arouce, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	23 Trava-se a batalha de Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	24 Batalha do Vimieiro.
		25 O exército francês chega a Lisboa.	26 Trava-se a batalha de Foz de Arouce, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	27 Almeida rende-se ao exército de Massena, após a explosão do paiol de munições.
		28 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	29 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	30 O exército francês chega a Lisboa.
		31 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	32 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	33 O exército francês chega a Lisboa.
		34 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	35 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	36 O exército francês chega a Lisboa.
		37 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	38 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	39 O exército francês chega a Lisboa.
		40 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	41 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	42 O exército francês chega a Lisboa.
		43 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	44 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	45 O exército francês chega a Lisboa.
		46 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	47 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	48 O exército francês chega a Lisboa.
		49 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	50 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	51 O exército francês chega a Lisboa.
		52 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	53 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	54 O exército francês chega a Lisboa.
		55 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	56 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	57 O exército francês chega a Lisboa.
		58 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	59 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	60 O exército francês chega a Lisboa.
		61 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	62 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	63 O exército francês chega a Lisboa.
		64 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	65 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	66 O exército francês chega a Lisboa.
		67 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	68 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	69 O exército francês chega a Lisboa.
		70 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	71 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	72 O exército francês chega a Lisboa.
		73 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	74 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	75 O exército francês chega a Lisboa.
		76 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	77 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	78 O exército francês chega a Lisboa.
		79 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	80 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	81 O exército francês chega a Lisboa.
		82 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	83 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	84 O exército francês chega a Lisboa.
		85 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	86 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	87 O exército francês chega a Lisboa.
		88 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	89 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	90 O exército francês chega a Lisboa.
		91 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	92 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	93 O exército francês chega a Lisboa.
		94 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	95 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	96 O exército francês chega a Lisboa.
		97 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	98 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	99 O exército francês chega a Lisboa.
		100 O exército francês começa a retirar em direcção à fronteira de Segura, agrupando-se à volta de Santarém.	101 A batalha do Bussaco, onde o exército português, sob o comando de Wellington, enfrenta o exército francês.	102 O exército francês chega a Lisboa.

**A inutilidade da cavalaria**

Onde hoje há mata e árvores de grande porte na serra do Bussaco, havia em 1810 arbustos e vegetação rasteira. Para alcançar a posição superior da serra ocupada pelo exército de Wellington, os franceses tiveram de subir as íngremes vertentes em campo aberto, oferecendo o peito às balas. A artilharia francesa, numa posição inferior, não pôde actuar, ao passo que a artilharia luso-inglesa infligiu bastantes baixas. Também a cavalaria foi inútil na serra. Foram estas as chaves da estratégia de Wellington.

# BUSSACO, 1810

O contingente francês entra, nesta Terceira Invasão, pela região centro. Marcha com a ousadia de quem se julga invencível. A incursão até Lisboa parece inevitável. As forças anglo-portuguesas desafiam os generais franceses para um confronto no Bussaco. Poderia ter sido um desastre militar, mas marcou o início do fim.

**Legenda**  
 Exército napoleónico  
 Percurso de invasão  
 Percurso de retirada

**Reynier**  
 Produto da Revolução Francesa, ascendeu a uma posição privilegiada após as Guerras Revolucionárias, liderando uma divisão militar nas campanhas do Egipto e Médio Oriente. Na Terceira Invasão, comandou o II Corpo de Exército. Foi o último a retirar-se, saindo pelo Sabugal.



Alguns historiadores conjecturam sobre o que teria acontecido se o contingente francês tivesse evitado a serra e seguisse rumo a Lisboa ou ao Porto. Outros argumentam que a rota Ciudad Rodrigo-Almeida-Coimbra era a única opção. O Porto de pouco lhes servia, pois não controlavam a Galiza. A fronteira sul do Tejo não era ultrapassável, dado o caudal do rio.



**Massena**  
 De origem burguesa, acumulou êxitos em Itália e tornou-se um dos marechais preferidos de Napoleão. Foi destacado para liderar a Terceira Invasão Francesa. O insucesso valeu-lhe a substituição pelo marechal Marmont. Portugal foi a "sepultura" da sua carreira.



**Wellesley**  
 Natural de Dublin, frequentou a Academia Francesa de Equitação, tornando-se um exímio cavaleiro e fluente em francês. De espírito sagaz, revela-se um estratega nato. Chegou a Portugal em 1808, comandando o exército luso-britânico a partir de 1809. Foi o responsável pela expulsão dos invasores e foi nomeado duque de Wellington como recompensa.

**01 Preparação da batalha**  
 Os generais franceses debatiam a melhor forma de conquistar Portugal. Recebem informação de que Arthur Wellesley os espera na serra do Bussaco. Wellesley confia que, desafiados a combater, os franceses investirão, como sempre fazem, certos da sua superioridade. Mas cairam no desafio e combateram no terreno que Wellesley escolheu.

**02 Serra do Bussaco, campo de batalha**  
 Em 1810, a serra era bem diferente dos dias de hoje. Era praticamente despidida de vegetação de grande porte, subsistindo apenas mato rasteiro e escassos bosques. Apesar de a visibilidade não ser a melhor devido ao nevoeiro, os franceses tentaram subir o terreno íngreme em campo aberto, oferecendo o peito às balas, certos da sua superioridade.

**Linhas**  
 Os aliados organizam-se em linha, mantendo um constante poder de fogo.



**03 Forças em confronto**  
 Estiveram envolvidos na batalha 65 mil franceses e 50 mil efectivos luso-ingleses. Apesar da superioridade francesa, esta acaba por ser inútil atendendo às características morfológicas da serra. Os franceses têm como comandantes dos corpos de exército os generais Ney, Reynier e Junot. Os aliados possuem cinco divisões de infantaria, duas divisões portuguesas e uma independente, que ocupavam a crista da serra, numa posição taticamente superior.

**Colunas**  
 Por tradição e devido aos êxitos anteriores, os franceses combatem em coluna, ou seja, um homem atrás do outro. Se o primeiro cai, avança o seguinte, sustentando o ímpeto de ataque. Na fase final de um ataque, desenvolviam tiro em linha para tirar partido do poder de fogo e do impacto da carga à baioneta.

**04 Primeiro ataque do Bussaco**  
 O primeiro ataque é concretizado pelo corpo de exército de Reynier, a partir de Santo António do Cântaro. Encoberto pelo nevoeiro, quase chega ao cume da serra. Wellesley responde e manda reforçar esse flanco. Se Ney tivesse atacado em simultâneo, o desfecho seria diferente. Assim, Reynier venceu a serra, mas foi atacado pela linha de reforço de Wellesley e forçado a descer.



**05 Travessia de Sula**  
 A aldeia de Sula era o ponto onde se concentrava a defesa da frente. O general Ney teve de atravessar a povoação para atacar a Divisão Leveira de Craufurd, posicionada junto do moinho de Sula. O traçado da estrada protegeu os franceses, mas, ao entrarem em campo aberto, foram metralhados e forçados a recuar.



**Mosquete Brown Bess**  
 Muito mais generalizado, utiliza esferas de chumbo como projectéis, tem eficácia até 70 ou 80 metros - a partir daí, o tiro é cego. Muito utilizado na chamada artilharia de linha, que requeria uma fileira de atradores para cobrir uma área mais vasta de tiro e aumentar a probabilidade de êxito.



Embora menos possante do que a artilharia de campanha francesa, a artilharia luso-inglesa adapta-se às necessidades do terreno. Os reparos são mais facilmente maneáveis no campo de batalha e, para mudar a direcção de tiro, não requerem a mudança de posição.

**Passagem de Boialvo 07**  
 Na região de Mortágua, um camponês, sob coacção, confessou a existência de um caminho por Boialvo, entre Mortágua e Águeda, por onde poderiam chegar à estrada real do Porto para Coimbra e Lisboa. Quando tomou nota dessa alternativa, Massena ordenou a ocupação de posições estratégicas e deu início à retirada discreta dos seus regimentos.



**Início da debandada 06**  
 Massena percebe que não conseguirá tomar a serra. Discretamente, as tropas francesas movimentam-se ao abrigo de um estratagemma congeminado pelo comandante francês. Enquanto o exército anglo-luso permanece na serra aguardando nova investida, os franceses contornam a elevação.



**Ney**  
 Era um soldado da velha guarda. Alistou-se primeiro nos hussardos e ascendeu na hierarquia militar após a Revolução Francesa. Combatou em Espanha e depois participou na Terceira Invasão Francesa juntamente com Massena. Teve um papel preponderante na batalha do Bussaco e na retirada final, mas o seu relacionamento com Massena nunca foi pacífico.



**Junot**  
 Ajudante-de-ordens de Napoleão, participou na campanha de Itália e adquiriu prestígio a ponto de comandar a Primeira Invasão Francesa. Após as derrotas nas batalhas de Rolica e de Vimiero, foi forçado a retirar-se. Regressou na Terceira Invasão, chefiando um corpo de exército sob os ordens de Massena. Foi ferido nos combates do Bussaco.



**Confrontos em Condeixa, Redinha e Alenquer 10**  
 Há um jogo de gato e do rato entre os últimos anglo-portugueses e os primeiros franceses. Nessa perseguição, sucedem-se refregas em Condeixa, na Redinha e em Alenquer. A população em fuga junta-se aos soldados com os bens que consegue transportar e foge para sul.

**11 As fortificações de Torres**  
 Wellesley chega às fortificações de Torres entre 11 e 14 de Outubro. Reúne cem mil homens, entre portugueses, espanhóis e ingleses. Massena, comandando 60 mil, percebe que não vencerá. Há algumas trocas de tiros, mas não se trava uma batalha. Ao fim de quatro semanas sem receber reforços, Massena percebe a derrota e ordena o recuo. O Inverno está à porta.



**Saques 08**  
 Os saques são constantes, quer no avanço para as Linhas de Torres quer na época de Inverno. Durante a retirada para a fronteira, as tropas francesas deixam um rasto de destruições, saques, violações e incêndios. Coimbra, Pombal e Condeixa sofrem violentos incêndios e perdem património. Alguns generais franceses comportam-se como senhores da guerra.

**09 Como atravessar um rio**  
 Em Penacova, o baixo caudal do Mondego permitiu a travessia do rio a vau. Na Primeira Invasão, a travessia do Tejo travara o avanço rápido dos franceses. Ocorreu então uma proeza de engenharia: os exércitos de Junot montaram uma ponte sobre barcas, por onde circulavam animais, material de guerra e soldados.

**Como carregar um canhão em batalha**  
 Eram necessários oito homens para operá-lo, entre municiões e o chefe da peça. Após cada disparo:



O canhão era lavado com um escovilhão de lã (a lanada) para eliminar os resíduos de pólvora. A outra extremidade da lanada secava-o.

Seguia-se o carregamento com uma colher de pólvora, para que a pólvora mais espessa chegasse à câmara. Uma bucha de estopa imobilizava a pólvora em posição.

Colocava-se então o projectil e nova bucha para o estabilizar.

A etapa final era a colocação de pólvora fina na escorva (o disparador) que transmitia o fogo à restante pólvora. A operação durava poucos segundos.

**Recuo por Rio Maior e Santarém 12**  
 Os franceses recuam para Rio Maior e Santarém, onde encontram provisões e preparam-se para o Inverno. As milícias e ordenanças conduzem acções de guerrilha constante contra os franceses. Quando Foy é enviado a Espanha para prestar informação ao imperador, vê-se na obrigação de levar uma escolta de quase 700 homens, tal não era o recuo de uma emboscada.



Durante a noite do dia 6 de Março de 1811, para ganhar vantagem, os franceses partem em retirada, deixando as fogueiras acesas. No dia seguinte, um camponês informa os ingleses de que já não há franceses no horizonte. Inicia-se uma perseguição.



**Foy**  
 Foi o oficial do exército francês que esteve presente nas três invasões, comandando divisões de infantaria e artilharia. Ficou gravemente ferido na Batalha do Vimiero na Primeira Invasão, foi capturado e ferido no Porto na Segunda Invasão e ferido novamente na Batalha do Bussaco. Coube-lhe a difícil missão de transmitir a Napoleão o estado crítico do exército francês diante das Linhas de Torres Vedras.

**Carabina Baker**  
 Nos confrontos de 1810, entrou em cena uma nova arma. A carabina Baker possuía o cano estriado, o que garantia o tiro com maior precisão. O projectil ficava incrustado nas estrias e eliminava o factor vento. Para tiro a longa distância (a cerca de 200 metros), o atirador de elite usava um projectil ligeiramente maior do que o diâmetro do cano e inseria-o à força.



**Últimas escaramuças e fuga 15**  
 Sob nevoeiro cerrado, as forças travam combates. No dia 14 de Março, Ney retarda a progressão luso-inglesa em Casal Novo. Um dia depois, trava-se novo combate em Foz de Arouce. Massena percebe que tem de abandonar o vale do Mondego.



**14 O saque e destruição de Condeixa**  
 Os franceses montam acampamento na Fonte Coberta (Condeixa-a-Nova). Massena esteve prestes a ser capturado. No dia seguinte, os franceses incendiam Condeixa, destruindo por exemplo a igreja local. É um dos piores actos de destruição das Invasões Francesas. As milícias portuguesas tomaram Coimbra e cortaram as passagens do Mondego. A partir daqui, resta recuar em direcção a Celorico, prevenido já passar a fronteira espanhola.

**Pombal e Redinha 13**  
 O combate da Redinha foi um dos momentos marcantes na retirada do exército francês. O combate ocorreu no sopé da serra de Sicó. As tropas de Ney (cerca de 11 mil efectivos) mediam forças com três divisões britânicas e uma brigada portuguesa (num total de 17 mil homens). Hábil, Ney retira para Condeixa, evitando confrontos que lhe seriam desfavoráveis.

